

EDITORIAL

PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA (1859)

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de¹

Ano que vem (2009) completa 150 anos desde a primeira publicação de “Para a Crítica da Economia Política” de Karl Marx. Este texto constitui o germe de “**O Capital**”, obra máxima do pensador alemão. O manuscrito teve que esperar algum tempo para ser publicado pelo editor, faltava a Marx, dinheiro para comprar os selos. O texto foi escrito em fins de agosto e meados de setembro de 1857.

Em carta a Engels, Marx comenta: “Seguramente é a primeira vez que alguém escreve sobre o dinheiro com tanta falta dele. A maioria dos autores que escreveram sobre esse tema estava numa magnífica harmonia com o objeto de suas investigações.”

Marx nasce em Tréveris (Prússia Renana) em cinco de maio de 1818. Família de origem judaica. Falece em Londres (1883). Estuda Direito, inicialmente em Bonn e na Universidade de Berlim. Faz cursos de mitologia clássica, história e história da arte. Obtém seu título de Doutor pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Jena em 1841.

Em sua tese intitulada “Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro”, estabelece uma dura crítica ao idealismo de Demócrito de Abdera (cerca de 460 a.C. - 370) e releva o Princípio de Epicuro (341 a.C. - 271) sobre a liberdade da consciência e da possibilidade humana de agir sobre a natureza.

A sua incrível capacidade de antecipar ou prever as grandes tendências do desenvolvimento global do Capital lhe possibilitava fazer afirmações como a seguinte:

"Por meio da exploração do mercado mundial, a burguesia deu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, retirou da indústria sua base nacional. As antigas indústrias nacionais foram aniquiladas e o são ainda todos os dias. São suplantadas, todos os dias, por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida ou morte para todas as nações civilizadas (...) O antigo isolamento local e nacional, onde cada um se autosatisfazia, cede lugar às relações universais, a uma interdependência universal

¹ Doutor em Educação, membro da Coordenação do NETE e Professor da Faculdade de Educação da UFMG.

das nações (...)(O capital, em uma palavra, cria o mundo à sua imagem)". (Manifesto Comunista)

Diante das dificuldades por que passava volta a afirmar entre 1848 - 1863 - "Sou forçado a trabalhar de dia para ganhar a vida. Só me restam as noites para trabalhos reais..."

Ao terminar em 1867 o Livro I de "O Capital". Responde a uma carta de um socialista alemão que lhe havia escrito e ainda não tinha resposta: "Por que não lhe respondi? Porque me encontrava constantemente à beira da tumba. Devia, pois, aproveitar cada instante de validez para terminar minha obra, à qual sacrifiquei saúde, alegria de viver e família."

E ao enviar o livro a Engels escreve:

Trabalho & Educação – vol. 17, nº 2 – Maio / junho 2008. "Espero que fiques contente, tua satisfação me importa mais do que o resto possa dizer. Seja lá o que for que aconteça, a burguesia se lembrará de meus furúnculos enquanto viver."

A preocupação de Marx com a "Ciência Real" significava uma orientação da filosofia, inequivocamente clara e radical, voltada para os homens reais e ativos; na direção do seu real processo de desenvolvimento, perceptível empiricamente, em direção ao seu processo de vida material, considerado como um processo de vida ativa. Ou seja, "Procurar a idéia na própria realidade".

A tarefa filosófica não é a personificação do pensamento em determinadas realidades políticas, mas a dissipação dessas realidades em pensamento abstrato. "O momento filosófico não é a lógica da coisa, mas a coisa da lógica."

A maneira marxiana de analisar a realidade social é fundada numa perspectiva ontológica. A perspectiva ontológica marxiana difere, em suas linhas básicas e essenciais, das perspectivas epistemológicas e gnosiológicas de análise da realidade social. A perspectiva ontológica busca entender, como o em si pode ser capturável em sua integridade. Esta é, em termos ontológicos, a questão fundamental do método.

"Meu método dialético", diz Marx, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento - que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de idéia - é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, diz ele, "o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ele interpretado."

Este método baseia-se em determinadas premissas. Parte de premissas reais que não perde nunca de vista. Essas premissas são os homens, considerados, não num isolamento e numa rigidez fantasistas, mas no processo de evolução real e empiricamente perceptível a que estão submetidos, em determinadas condições. Desde o momento em que esse processo ativo e vivo passa a ser descrito, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos, como o

é a história dos materialistas (que são pensadores abstratos), ou uma atividade inventada de sujeitos inventados, como o é a história dos idealistas. (A Ideologia Alemã).

“O movimento da história não é mais – diz-nos Marx – do que a sucessão das várias gerações distintas, cada uma das quais explora os materiais, os capitais e as forças produtivas que herdou de todas as gerações precedentes, continuando assim, por um lado, a atividade tradicional, em condições completamente diferentes, e modificando, por outro lado, as antigas condições, por intermédio de uma atividade completamente modificada” (A Ideologia Alemã).

Marx proclama a necessidade de uma ciência concreta da sociedade, baseada no estudo da interação dialética e das mediações entre o homem e a natureza, do processo criador através do qual se dará a autoconstrução humana.

Essa concepção da história depende da nossa capacidade para expor o processo de produção real (...) para explicar todos os diferentes produtos teóricos e formas de consciência, a religião, a filosofia, a ética etc. (A Ideologia Alemã).

Nos últimos anos, tem sido sempre necessário justificar a opção quando se faz um recurso a Marx. São várias as objeções: “é do tempo da sociedade industrial, quando o trabalho ainda determinava relações!” (sic). “Reduz toda a existência à verticalidade das classes!” (sic). “Não dá conta da complexidade desses novos tempos!” (sic).

Entretanto, não é isto o que se apreende da leitura da obra de Marx. Antigas questões que teimam em persistir nos afligindo, bem como outras, saudadas nos dias de hoje como descobertas recentes, estão presentes, e de modo bastante pertinente na teoria social desenvolvida por Marx. Não é só esta presença, porém, e o modo como ela é tratada, que interessa. Muito reveladoras são as duas faces de um mesmo processo de amadurecimento intelectual conquistado por Marx ao longo da produção de sua teoria social. De um lado, as noções que costumeiramente são colocadas sob o mesmo plano do “humano” (em oposição ao “material”) e que, por isso mesmo, qualificam seres humanos concretos, multiplamente determinados, ao invés de deixar de ter o aparecimento esporádico com que figuram nos primeiros escritos e passar a ser mais sistematicamente tematizadas nas obras mais maduras. De outro lado, tal desaparecer é concomitante ao refinamento ontológico que vai sendo alcançado e que permite uma crítica social consistente, pois sólida do ponto de vista do rigor científico. Ao nos debruçarmos sobre a extensa obra marxiana, verificamos o quanto é atual, quanta produtividade ela é capaz de impulsionar, o quanto é desafiador apoiar-se em teoria assim tão absolutamente inconclusa que só pode efetivar-se em co-autoria com os sujeitos sociais de cada tempo histórico.

No dia 17 de março de 1883, diante do túmulo de Marx, Engels assim se referiu a seu respeito: “Seu nome perdurará através das eras, e assim também a sua obra”. Essa homenagem de Engels enunciava um conteúdo de verdade, que tinha suas raízes na compreensão da fecundidade do pensamento de Marx, acerca do homem e de suas relações. Engels, através da parceria intelectual que havia estabelecido com Marx, agora morto, antevia que a profundidade com a qual havia estudado o capitalismo sensibilizaria os homens, e milhares deles, em todo o mundo assumiriam a emancipação humana como projetos de suas vidas. Engels sabia que

a propriedade maior da obra de Marx era a de proporcionar uma determinação fundamental para derrocar as relações sociais vigentes sob o sistema do capital; porém, não só. Pois, os objetivos centrais das tematizações marxianas se colocavam no plano do entendimento de como do “macaco” se dá o homem ou, colocado de outra forma, como o homem se humaniza. Isto, sem a menor dúvida, faria História.

E, para finalizar:

No interior da propriedade privada, cada indivíduo especula sobre o modo de criar no outro uma nova necessidade para obrigá-lo a um novo sacrifício, para levá-lo a uma dependência, para desviá-lo para uma nova forma de gozo e com isso, da ruína econômica.

Com a produção capitalista, "o homem torna-se cada vez mais pobre enquanto homem, precisa cada vez mais do dinheiro para apossar-se do ser inimigo, e o poder do seu dinheiro diminui em relação inversa à massa da produção; isto é, seu carecimento cresce quando o poder do dinheiro aumenta."

Cento e cinquenta anos depois, a produção material da existência humana continua sendo o ponto de partida principal para quem deseja compreender com rigor científico e inequivocamente radical, a ordem social do capital como realizado pelo pensador alemão.